

BIBLIOTECA PRIVADA E MARCA DE PROPRIEDADE: DA REUNIÃO À SUA DISPERSÃO

Paula Andrade Coutinho

Doutoranda em Museologia e Patrimônio (PPGPMUS).
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins
(MAST), Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
paulaacoutinho@yahoo.com.br.
<https://orcid.org/0000-0003-3720-1204>

Márcio Ferreira Rangel

Professor do Programa de Pós-Graduação em
Museologia e Patrimônio. Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pesquisador Titular
do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST),
Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
marciorangel@mast.br.
<https://orcid.org/0000-0002-8208-3115>

RESUMO

O presente artigo analisa o colecionismo bibliográfico e estratégias para seu reconhecimento social, tendo como objeto de análise o colecionador Henry Joseph Lynch (1878-1958). A pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho teórico-documental, tendo como principais fontes de análise e interpretação os bens culturais, o *ex libris* do colecionador, jornais da época, catálogos e documentos sobre a coleção. A bibliografia consultada se distribui em temas que abordam o colecionismo, com referenciais especializados em cultura material, bibliofilia, bens culturais (coleção) e *ex libris*. A reunião de objetos, por meio do desejo de posse, a trajetória colecionista, as estratégias de legitimação social e, por fim, a dispersão da coleção de livros de Lynch, fazem da parte da vida social dessa coleção.

Palavras-chave: Henry Joseph Lynch. Coleção de livros. *Ex libris*.

THE PRIVATE LIBRARY AND THE MARK OF OWNERSHIP: FROM ITS ASSEMBLY TO ITS DISPERSION

ABSTRACT

This article is an analysis on bibliographic collecting and strategies for its social recognition, and it has collector Henry Joseph Lynch (1878-1958) as its analytical object. The present research is qualitative in nature, with a documental-theoretical approach, and it uses as its main sources of analysis and interpretation the collector's cultural assets, his *ex libris*, contemporary newspapers, and catalogs and documents related to the collection. The consulted bibliography ranges from themes that address collecting, with specialized references to cultural material, to bibliophilia, cultural goods (the collection), and *ex libris*. The gathering of objects due to a desire for ownership, the collecting history, the strategies of social legitimation and, finally, the dispersion of Lynch's book collection, are all part of the social life of this collection.

Keywords: Henry Joseph Lynch. Book collection. *Ex libris*

Recebido em: 14/02/2021

Aceito em: 05/12/2021

Publicado em: 11/04/2022

1 INTRODUÇÃO

Diversos estudos nos mostram que a seleção e reunião de objetos ao longo da vida de um indivíduo, para a formação de uma coleção, ultrapassa a noção de acúmulo de objetos. “É uma obra de benemerência”, ressalta o bibliófilo Rubens Borba de Moraes (1965, p. 12-13), no livro *O bibliófilo aprendiz*. Moraes (1965, p. 12-13) ainda acrescenta que não existe coleção “tôla ou ridícula quando feita com arte, gosto e conhecimento”, explicando que o ato de colecionar precisa ser uma miscelânea de “conhecimento” e “*métier*”. Seria então o colecionismo uma atividade

que proporciona bem-estar, mas também um ofício que demanda dedicação, conhecimento, investimento e tempo.

O ato de colecionar tem importante papel social ao selecionar e reunir, em um novo arranjo, diversos bens culturais. Ao adquirir evidências da cultura material e reuni-las em coleções, sejam elas das mais diversas tipologias e procedências, o indivíduo pode contribuir na construção de referenciais para a memória social, com os bens culturais.

Muitas dessas coleções formadas ao longo da trajetória de vida de um colecionador, são posteriormente destinadas a museus, arquivos e bibliotecas, contribuindo assim para a preservação e disseminação da memória e identidade de um determinado grupo social. Esses bens ganham *status* de patrimônio por suas cargas de significados e valores que lhes são atribuídos socialmente. Muitos dos valores e significados são adquiridos ao longo da trajetória dos bens nas coleções privadas, que lhes agregam importância e valor.

No colecionismo privado o indivíduo ganha legitimidade e *status* social com sua coleção, mas também agrega valores simbólicos e até econômicos aos bens adquiridos. Pode haver inúmeros fatores – declarados ou ocultos – a influenciar um colecionador em direção aos objetos que deseja possuir. Como nos alerta Walter Benjamin (2000, p 232) acerca do desejo de posse, “para o colecionador a verdadeira liberdade de todo livro é estar nalguma parte de suas estantes”.

Posse e perda são palavras que caminham concomitantemente no colecionismo. As motivações que impulsionam um sujeito a se dedicar à busca contínua de itens para sua coleção podem variar. O estímulo para colecionar pode se centrar, como afirma Jose Lopes (2010, p. 378), na busca do “sentido de permanência”, manifestando a presença do sujeito por meio dos objetos em determinados locais ou criando relações com fenômenos ou afeições produtoras de “bem-estar físico e espiritual”. É na busca dessa permanência, por meio do colecionismo, que sujeitos selecionam e reúnem objetos, que possuem características similares, ou que construam certas relações entre si aos olhos do colecionador.

O ato de colecionar, por mais centrado que seja no colecionador, caracteriza-se por se fazer “sempre em relação ao outro”, é um “suporte de interação”, pois está vocacionada para o ‘espaço público’, nos alerta Ulpiano Bezerra de Meneses (1998, p. 87). O colecionismo é, portanto, uma prática cultural constituída a partir da relação do indivíduo com a sociedade.

O colecionismo pode em determinadas esferas sociais ser sinônimo de validação e *status*, através da reunião de objetos valorados simbólica e socialmente para a constituição de uma coleção que se pretende tornar referência e legitimadora social de seu promotor. O colecionismo é um verdadeiro investimento social para o colecionador e sua imagem. O investimento perpassa

a esfera econômica. Estratégias e escolhas são acionadas pelo colecionador ao longo de sua trajetória para a constituição dessa coleção. Reunião de objetos legitimados no campo colecionista, divulgação de sua coleção, a constituição de marca de propriedade, o *ex libris*, por este simbolizar um “retrato do dono” (BEZERRA, 2006, p. 136), a seleção de um novo guardião para a coleção, tornando a memória do colecionador perene, mesmo *pós mortem*.

Essas ações estão ligadas diretamente à prática colecionista e ao desejo de posse do indivíduo. Mas a preocupação da perda ou fragmentação é realidade que coexiste também dentro dessas ações, sendo motor impulsor para a preocupação com a trajetória de sua coleção e de sua possível dispersão.

Para Beffa e Napoleone (2017, p. 1), “Quando o estudo dos acervos ultrapassa o limite das fileiras de livros nas estantes, um universo, rico e surpreendente, se descortina”. E é parcela desse universo ao qual lançaremos luz, sobre posse e perda, reunião e dispersão, que juntos formam camadas de significados dessa prática que é o colecionismo bibliográfico de Henry Lynch.

Objeto, posse e dispersão formam o tripé condutor da abordagem deste trabalho, sobre um colecionador que é múltiplo em si, e em seu colecionismo, e que nos permite caminhar pelos três pontos dos vértices. Henry Joseph Lynch (1878-1958) foi um colecionador carioca, descendente de ingleses, que construiu papel de destaque nos cenários econômicos e culturais da sociedade da então capital do Brasil, o Rio de Janeiro.

2 O COLECIONISMO

A reunião de objetos para compor uma coleção ultrapassa a noção de acúmulo aleatório e despretenso. Pois, é,

[...] processo criativo que consiste na busca e posse de objetos de maneira seletiva e apaixonada, em que cada objeto é destacado seu uso ordinário e concebido como um elemento de um conjunto de objetos dotado de significados a ele atribuídos pelo indivíduo ou pela sociedade em determinado contexto cultural (COSTA, 2007, p. 20).

Essa aproximação compreende o ato colecionista como um processo que se desenvolve com o tempo, colocado em prática por um indivíduo que, motivado pela paixão e por interesses sociais, procura e seleciona objetos para compor sua coleção, ao mesmo tempo fruto de um desejo e veículo de afirmação. O colecionador, em sua caminhada à procura de conhecer e possuir objetos, selecionando-os mediante seus interesses e gostos, ao adquiri-los concede

a eles a inserção em um novo universo, com novos significados¹. Integra-os a um novo contexto, no qual passam a pertencer a um conjunto maior, que transparece aos olhos do colecionador, a lógica e a coerência (COSTA, 2007, p. 20).

As coleções de livros estão presentes em várias instituições e locais, pertencendo à vida das pessoas de forma natural, como se a acumulação de livros fosse inerente ao social. De fato, o livro é ainda atrelado à erudição e a (alta) “cultura”, assim como que possuí-los dota o indivíduo de status, um símbolo de sabedoria. Ao livro o colecionador, mesmo que não intencionalmente, interpõem sinais, marcas que o diferenciam de outros, anotações sobre seu conteúdo, perfazendo-o único, mesmo num universo guiado por exemplares (SEREJO; JUVÊNCIO, 2020, p. 194).

Ao pensar nos “sinais” podemos inferir que a própria aquisição de cada exemplar já nos permite um leque de vestígios a nos guiar rumo a compreensão de aspectos do colecionismo de um bibliófilo: a seleção da temática geral de seu colecionamento, para enquadrar-se a uma categoria estabelecida socialmente e a divulgação de sua coleção, querendo torná-la referêcia. Existem também marcas propositalmente deixadas pelo colecionador nos livros, são chamadas de marcas de proveniência, pois, “nos possibilitam verificar a história do livro e seu percurso social” (SEREJO; JUVÊNCIO, 2020, p. 194). A exemplo dessas marcas, que também são de propriedade, temos o *ex libris*, utilizado por alguns bibliófilos no Brasil, a partir do final do século XVIII.

Ex-libris, expressão latina que significa **dos livros, dentre os livros de**, é o nome porque são designadas pequenas etiquetas de papel, reproduzidas por quaisquer processos mecânicos e que se colam na face interna da pasta frontal do livro, ou da capa anterior das brichuras, para indicar-lhes o possuidor (MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, 1942, p. 4, grifos do autor).

O *ex libris* atua no colecionismo como uma “representação gráfica de uma filosofia pessoal; uma imagem que toma forma, primeiramente, no pensamento de quem o idealiza”, podendo ser denominado de “retrato do dono” (BEZERRA, 2006, p. 136). E são alguns desses aspectos que tornam o colecionismo bibliográfico um vasto universo a ser explorado em suas diversas particularidades e possibilidades.

3 HENRY LYNCH: OLHA SOBRE OS PONTOS QUE SE CRUZAM

Há grande possibilidade de que os principais pontos de partida para que se conheça o colecionador Henry Joseph Lynch sejam acionados através de parcela de sua coleção iconográfica, que se encontra salvaguardada no Instituto Ricardo Brennand (Instituto RB), museu

¹ Sem necessariamente perder seus significados anteriores, principalmente no caso específico de coleções privadas (COSTA, 2007, p. 20).

privado do Recife. Trata-se de um conjunto composto por 95 obras (pinturas e estampas), que em sua maioria apresentam produções oitocentistas de artistas nacionais ou viajantes, registrando aspectos paisagísticos e iconográficos de várias regiões do Brasil (LEITE, 2015, p. 5-6).

Esse fragmento da coleção é a única parte que sobreviveu reunida, que se encontra preservada/disseminada atualmente em uma instituição e que não foi dispersa. Por isso, é um dos poucos vestígios e testemunhos que referenciam o colecionismo e vida social de Henry Lynch – como era de seu desejo –, e que não estão nas mãos dos familiares.

A existência do colecionismo de Lynch pode ser acionada através das informações oriundas das pesquisas realizadas a partir do Instituto RB, subsidiadas por outras fontes, se tornando o princípio propulsor para compreender um pouco desse indivíduo e de seu desejo de posse. Mas por que a coleção foi fragmentada? Onde estão as demais obras? Posse e perda quase que coexistem no colecionismo.

A maioria dos trabalhos acerca da coleção de Lynch dá conta principalmente dessa parcela da coleção de pinturas e estampas (SOCIEDADE, 1984; LEVY, 1994; LEITE, 2015; COUTINHO; CERAVOLO, 2018; COUTINHO; RANGEL, 2019), que estão disponíveis ao olhar nos espaços expositivos do Instituto RB. Entretanto, em contraponto ao que pode transparecer, a dispersão do restante da coleção não inviabiliza que lancemos luz sobre sua existência e importância social que marcou uma época. Pois, assim como a posse, a dispersão pode nos contar muito sobre o ato de colecionar.

Henry Joseph Lynch, embora nascido no Rio de Janeiro, recebeu educação na Inglaterra, por opção de seus pais, Edward James Lynch (1838-1907) e Adèle Augusta Teresa Gosling (1854-1925). Possuía dupla nacionalidade, por sua descendência inglesa (BARRETO, 1984, p. 41; MORREU, 1958). Quando retorna ao Brasil² mantém a ligação com ambos os países, ascendendo socialmente através de suas redes profissionais e sociais.

Atuou como comerciante e empresário refletindo em suas atividades profissionais a influência anglo-brasileira. O papel mais notório que desempenhou foi como representante no Brasil dos banqueiros Rothschild, por mais de 40 anos³ (SOCIEDADE, 1999, p. 41), possuindo papel importante nas relações econômicas de intercâmbio e empréstimo de dinheiro da Inglaterra com o Brasil.

² Retorna ao Brasil provavelmente entre a última década do século XIX e início do século XX, período de aquisição de obras de arte no Rio de Janeiro e matérias de jornais que noticiam sua presença em eventos (CORONEL, 1908, p. 2).

³ Também chefiou a firma Davidson Pullen & Cia, foi diretor da Cia Fiat Luz, ambas no Rio de Janeiro, e sócio da Davidson Unwim em Londres, entre outros (SOCIEDADE, 1999, p. 41).

Sua atuação no diálogo e interação entre os dois países se estendia também ao âmbito sociocultural, sendo, por exemplo, sócio fundador do Gávea Golf Club, do Country Club, da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa (SBCI) e um dos fundadores da Federação das Bandeirantes (SOCIEDADE, 1999, p. 41; LACERDA, 1958). Famosa também era sua atuação como colecionador; diziam ter uma importante anglo-brasileira (FREYRE, 1948, p. 45).

Não há elementos que certifiquem o período em que Lynch iniciou no universo colecionista. Os registros disponíveis relativos à aquisição da obra mais antiga indicam ter acontecido relativamente cedo, por volta de 1896. A partir de 1915, aumenta o número de registros de suas aquisições (FORMULÁRIO, 1994). A coleção e o colecionador ganham, nesse período, maior notoriedade social, quando do amadurecimento profissional e estabilidade econômica e simbólica de Henry Lynch (COUTINHO, 2017, p. 70).

Seu interesse e paixão pela história e cultura do Brasil se converte em um dos eixos centrais que conduziram seu comprometimento e gosto pela seleção e posse de objetos para compor sua coleção. Somam-se afirmações de seus contemporâneos, que dizem ser ele “sincera e entusiasmadamente interessado pelo estudo e conhecimento da história e cultura brasileiras” (LEVY, *et al.*, 1994, p. 11). A direção de seu colecionismo, assim acentua-se para uma Brasileira⁴, organizando uma coleção “com o carinho e a devoção dos verdadeiros amantes do Brasil” (VIANNA, MINELLI, 1980).

Na qualidade de bibliófilo, Rubens de Moraes (1965, p. 14-15) ressalta a importância da escolha do gênero colecionista. O gênero central desse colecionismo seria o alicerce que conduziria o colecionador na sua busca por novas aquisições, bem como por novos conhecimentos que o especializariam e o tornariam *expertise* na área. O gênero de destaque da coleção bibliográfica⁵ de Henry Lynch fez com que ele reunisse “uma das mais valiosas *brasileiras* do país” (SOCIEDADE, 1999, p. 45, grifo do autor).

O bibliófilo possuía em sua coleção diversos temas como: religião, reflexo da criação católica que recebeu dos pais; escritores ingleses “imprescindíveis à livraria de todo cavalheiro”; obra sobre as Américas, pelas relações internacionais; e sua Brasileira, que lhe concedeu a certificação de homem “esclarecido pelo entendimento de sua formação, seus costumes e problemas” (VIANNA; MINELLI, 1980).

⁴ Esse gênero colecionista iniciou no século XIX, mas foi no século XX que expandiu de forma significativa. Em termos gerais, Brasileira são coleções de registros sobre o Brasil (HOUAISS; VILAR, 2001, p. 508), ou “uma coleção que cobre os principais registros visuais e documentais [...] dos grandes momentos [...] da cultura brasileira” (LAGO, 2009, p. 7).

⁵ Sobre alguns títulos da biblioteca Lynch, consultar VIANNA; MINELLI, 1980.

Adquiriu, ao longo da vida, livros dos mais heterogêneos, desde exemplares coetâneos à títulos raros, reunindo assim “excelente – e inédita – biblioteca sobre [*sic.*] assuntos brasileiros”. Possuía milhares de volumes que reuniu em vários países durante suas viagens. “Lynch batia editoras da Inglaterra, França e Itália em busca de textos sobre o país” (BARRETO, 1984, p. 41). É incerto estipular com exatidão a dimensão numérica de sua coleção pela divergência das fontes. Existem algumas fontes que indicam o quantitativo registrado durante a doação, por Henry Lynch, através de testamento, ocorrida pós-morte, onde foram selecionados os livros de interesse da nova guardiã, a SBCI. Existem controvérsias entre os dados que se referem à biblioteca de Lynch.

A SBCI publicou livros com quantitativos que divergem. A primeira referência sinaliza que “[...] o total dos livros escolhidos vai além de seis mil volumes, o que muito enriquecerá a nossa biblioteca [...]” (SOCIEDADE, 1999, p. 45). A segunda citação apresenta que: “[...] em 1958, a SBCI recebeu uma coleção de cerca de 4.000 livros (entre elas uma *Brasiliana*), deixada, em espólio, por Sir Henry Lynch” (SOCIEDADE, 1999, p. 163). Há outra publicação que registra “cerca de 2.400 títulos, incluindo uma *Brasiliana* com mais de 1.000 títulos e obras raríssimas” (LEVY, *et al.*, 1994, p. 11). Além do documento de seleção para a doação que apresenta uma média de 3.100 unidades⁶ (RELAÇÃO, 1958).

Ainda que uma biblioteca não deva ser julgada pelo número de livros, mas pela sua qualidade (MORAES, 1965, p. 61), as fontes revelam o nível de milhares de volumes de livros na biblioteca de Henry Lynch, o que aponta para um conjunto com quantitativo expressivo. O tamanho da coleção *versus* afirmações citadas anteriormente indica a importância e valor da biblioteca reunida por Lynch.

O hábito de Lynch em amalhar livros com tanto profissionalismo resultou em uma biblioteca expressiva e de referência entre seus contemporâneos, fonte de pesquisa e produção de conhecimento. Podemos mencionar alguns casos notáveis de consulta na coleção reunida por Lynch, pelo seu caráter documental para pesquisa. O historiador Gilberto Freyre (1900-1987), durante seus estudos que culminaram na publicação *Ingleses no Brasil*, em 1948, utilizou a coleção de Lynch como uma das fontes de consulta e pesquisa. Outro pesquisador que utilizou referências dessa coleção foi Gilberto Ferrez (1908-2000), para o seu livro *Colonização de Teresópolis*, de 1970. Em *Ingleses do Brasil*, Gilberto Freyre abordou a influência dos ingleses na vida dos brasileiros do século XIX. Ao se debruçar sobre a coleção de Henry Lynch, registrou a valoração do conjunto:

⁶ O levantamento da quantidade de livros doados foi realizado durante a pesquisa com parte da lista numerada, mas com números alternados.

[...] A Sir Henry devo cópias fotostáticas de algumas das raridades da coleção de livros e gravuras antigas que constituem sua Anglo-Brasiliana – talvez a melhor que já se reuniu aqui ou na Inglaterra [...] (FREYRE, 1948, p. 44-45).

O historiador não se limitou aos agradecimentos a Lynch pela disponibilidade de consulta, menciona e nos comprova a dimensão e representação dessa coleção no âmbito nacional e também internacional. Quanto ao historiador e também colecionador Gilberto Ferrez, sua relação com Lynch transmutou-se para uma amizade que perdurou por anos, além de influir no início de seu colecionismo, a partir do contato para a pesquisa do livro *Colonização de Teresópolis*.

Pesquisando em arquivos e bibliotecas achamos outros fatos e observações curiosas completadas com a leitura de autores estrangeiros que ali andaram, no século passado, e que cedo puséramos a colecionar graças a influência de Sir Henry Lynch e Francisco Marques dos Santos. Nestas obras há muita coisa sobre estes rincões que ora fortificavam e ora corrigiam a tradição oral que ali havíamos recolhido (FERREZ, 1970, p. 9).

A contribuição de Lynch para o início do colecionismo de Ferrez é inegável, bem como para a formulação do conhecimento dele acerca da história de Teresópolis, a ponto de ajudar e corrigir o conteúdo que iria compor o livro. Vale ressaltar que Ferrez se tornou referência no colecionismo nacional de “iconografia urbana brasileira no período colonial e imperial” (GILBERTO, 2021).

A bibliofilia exige amor pelos livros, dedicação e construção de conhecimento. O sentimento se adequa ao indivíduo colecionador que constrói uma relação afetiva com seus objetos. Talvez um sentimento que aflora aos poucos, a cada aquisição, a cada leitura, que aliado ao acúmulo de conhecimento histórico e literário acerca do(s) objeto(s) de desejo, orienta suas preferências, exigindo entendimento e clareza, tanto para saber pesquisar os melhores exemplares como para saber identificar a “qualidade” do livro, não somente pelo seu valor aquisitivo, mas pela relevância para a coleção (MORAES, 1965).

Alguns exemplares da coleção de Lynch indicam que o bibliófilo possuía vasta bibliografia, que o auxiliou na *expertise* para suas aquisições, sem mencionar possíveis redes de sociabilidade que também podem ter influenciado e orientado suas escolhas. Essas referências são guias para a construção de uma biblioteca de importância e renome. Podemos citar: *Biblioteca Brasiliense* de José Carlos Rodrigues, 1907; *Catálogo da Exposição da História do Brasil*, de 1881; dois volumes da *Biblioteca Americana*, sendo um volume de 1926; a *Bibliotheca Brasiliensis*, 1930; *Livros raros e de ocasião sobre vários assuntos*, 1954, da Livraria Kosmos; *Inventários dos documentos do arquivo da Casa Imperial do Brasil existentes no Castelo d’Eu*, 1939, de Alberto Rangel; e *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*, 1949 (VIANNA; MINELLI, 1980).

Em suas viagens, Henry Lynch adquiriu importantes exemplares, entre obras raras e primeiras edições⁷, muitas referenciadas como importantes aquisições para uma coleção de referência, legitimadas através de manuais e catálogos especializados, repertórios bibliográficos nacionais e estrangeiros, destacando-se o *Manual de estudos bibliográficos brasileiros*, de Rubens Borba de Moraes e a *Bibliografia Brasileira* do mesmo autor, para obras raras (VIANNA; MINELLI, 1980). Lynch possuía conhecimento e discernimento sobre suas aquisições. Inferimos que os manuais e guias bibliográficos serviam-lhe ora como subsídio orientador para suas seleções, ora como aporte para um enquadramento nos padrões colecionistas de “estipe”, adequando-o aos padrões estabelecidos para consagrar-se como “grande colecionador” de uma importante coleção de Brasileira.

O reconhecimento social da Brasileira de Lynch perfez-se mediante uma série de seleções e divulgações – por meio de sua rede de sociabilidade, que por sua vez valida-o, para tornar-se referência e influência para estudiosos e colecionadores. Outra particularidade que outorgou crédito e legitimidade ao bibliófilo foi a identificação de seu colecionismo e propriedade sobre cada item de sua biblioteca, através de seu *ex libris*, que age como marca de propriedade e registro de procedência de um colecionador e de sua trajetória. Ao mesmo tempo é registro de posse sobre os itens de sua coleção e mais tarde seria a marca que recupera historicamente a coleção e o colecionador, mesmo depois da dispersão. Pois, o *ex libris* “representa um pouco da alma de quem imaginou” (BEZERRA, 2006, p. 129).

3.1 *Semper fidelis*: a trajetória e construção de uma marca de propriedade

Ex libris, duas palavras de origem latina, que em português significam “dos livros de” ou “pertencem a” (BEZERRA, 2006, p. 129), referindo-se a etiquetas ou pequenos selos que são fixados nos livros com o objetivo de identificar seu proprietário. Compõem-se com particularidades que identificam ou ligam-se afetivamente a seu dono: como seu nome, imagens, frases, ornamentos, brasões, etc. (BEZERRA, 2006, p. 132; POTTKER, 2006, p. 16). Normalmente o motivo icono-bibliográfico é utilizado por bibliófilos ou instituições nos livros de sua coleção. O uso do *ex libris* constitui-se socialmente como um “hábito cultural movido pelo sentimento de posse de indivíduos ou instituições que se preocupavam em identificar

⁷ *Vindiciae lusitanae; or, An answer to pamphlet intituled*, 1808, de Edward James Lingham, definida como “obra muito rara”; *Notes on Brazilian questions*, 1865, de William Dougal Christie; *O serviço de Itamaraty*, 1948, de João Neves da Fontoura; *O cardeal Leme, homem de coração*, 1945, de Laurita Pessoa Raja Gabaglia, que foi autografada, entre tantas outras obras (VIANNA; MINELLI, 1980, p. 10).

seu pertencimento” (CORTES; NUNES, 2019, p. 1). Por isso, muitos *ex libris* nos legaram informações e conhecimentos acerca desse universo.

[...] o **ex-libris** é uma espécie de brasão enobrecedor da peça bibliográfica, e pela sucessão deles podemos reconstituir o **pedigree** de um livro. Revela-nos, outrossim, interessantes particularidades do caráter e da psicologia de seu possuidor (MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, 1942, p. 4, grifos do autor).

Ex libris representa, assim como uma coleção em alguns aspectos, a memória de um colecionador. Coleção e *ex libris* constituem-se como práticas culturais estimuladas pelo sentimento de posse: de um lado o desejo de possuir um objeto e do outro a preocupação em identificar seu pertencimento. É uma etiqueta que marca a propriedade de um colecionador sobre o livro, mas pode nos revelar valores estéticos de uma época, pode também trazer questões próprias de sua trajetória e de seu proprietário. Além de etiqueta, é um documento.

Geralmente, portanto, o *ex libris* é de caráter artístico sendo infinitos os motivos que se deparam para a sua idealização e confecção, que deve ser criada por quem o vai usar, embora realizada artística e tecnicamente por outros. Assim êle será, além do mais, um verdadeiro documento psicológico (RIO DE JANEIRO, 1949, p. 13).

Sua utilização como símbolo de propriedade ocorreu em épocas e de formas distintas em diversos países. No Brasil a difusão do *ex libris* ocorreu a partir do século XVIII, pelos colecionadores de livros (POTTKER, 2006, p. 51). Até o século XX o estímulo de seu uso se deu através das bibliotecas e colecionadores particulares, estando ligado diretamente ao colecionismo bibliográfico. Atualmente, não é mais tão usada nos livros das coleções, possivelmente devido à não interferência nos livros e questões ligadas a práticas preservacionistas (REIFSCHNEIDER, 2011).

No período áureo do *ex libris* no Brasil, muitos foram os colecionadores que mandaram produzir verdadeiras obras artísticas como suas marcas, para legitimar-se socialmente. Henry Joseph Lynch, enquanto bibliófilo conhecido e legitimado, mandou confeccionar seu *ex libris*. Sua marca pessoal não foi produzida sem referência, inspirou-se em sua trajetória social e descendência anglo-brasileira. A arte que serviu de base para a produção do *ex libris* de Lynch foi inspirada em seu brasão, que por sua vez, foi inspirado no brasão de armas da família Lynch, do qual tem referência em sua árvore genealógica.

Um dos principais marcos da trajetória de inspiração e produção do *ex libris* de Henry Lynch, ocorreu quando seu papel de intermediador das relações entre Brasil e Inglaterra rendeu reconhecimento e prestígio nacional e internacional. É quando recebe, em 1923, o título

de *Knight Bachelor*, tornando-se Sir Henry Joseph Lynch K^T, por concessão do Rei da Inglaterra George V (SOCIEDADE, 1999, p. 41).

Com o *status* social adquirido faltava-lhe o brasão de todo bom cavaleiro. Historicamente, os brasões de armas eram utilizados por famílias que ocupavam certos locais de destaque na sociedade, com o propósito de identificar indivíduos e/ou grupos dentro de um sistema social (POTTKER, 2006, p. 35-36). Com isso, Henry Lynch, em 1928, solicita ao *College of Arms*⁸ de Londres uma pesquisa genealógica de sua família, para mapear sua descendência. O oficial de armas responsável pela pesquisa e gravação de sua linhagem foi Algar Howard (1880-1970), conforme registram as cartas trocadas entre Lynch e Howard. Foi este oficial de armas também responsável, possivelmente, pela elaboração e concessão de seu brasão de armas (HOWARD, 1928).

Algar Howard conseguiu recuperar quatro gerações da genealogia de Henry Lynch, sendo o mais antigo da linhagem Andrew Lynch (1747-1767), da cidade de Dublin, na Irlanda (HOWARD, 1931). Essa pesquisa genealógica remonta a descendência de Lynch à Grã-Bretanha do século XVIII, e à origem do clã Lynch em Galway do século XV. O sobrenome Lynch é de procedência anglo-saxã e possui origem geográfica na província de Lynchester, próximo à cidade de Dublin, na Irlanda (BARATA; BUENO, [19--], p. 1378). Os primeiros registros do sobrenome Lynch datam do século XII, mas é a partir do século XV que este vai se consolidando socialmente na Europa. Devido à posição social que os clãs Lynch passaram a ocupar na época, dotaram-se do uso de brasão de armas (Figura 1) para representar iconograficamente a família (HARDIMAN, 1820, p. 17-18).

Figura 1 – Brasão da família Lynch



Fonte: HARDIMAN, 1820

⁸ *College of Arms* é a instituição real formada por oficiais de armas eleitos pela monarquia britânica, autorizados a representar a coroa inglesa em assuntos referentes à heráldica, concessão de brasões de armas e pesquisa sobre linhagens.

O brasão Lynch era representado por trifólio em um campo azul, no centro um V invertido, entre três trevos caídos, dourados. No timbre, a figura de um lince prata, em posição passante, e tendo em seu mote a inscrição “*Semper Fidelis*” (Sempre Fiel, em latim) (HARDIMAN, 1820, p. 40-41). É nesse escudo do passado que Henry Lynch se inspira para a produção do seu brasão pessoal.

O colecionador, ao reaver sua descendência, mune-se simbólica e historicamente desse passado através de seu brasão de armas, inspirado no brasão do clã Lynch europeu, e passa a representá-lo como marca pessoal de seu colecionismo bibliográfico, convertendo-o em seu *ex libris*, Figura 2, conferindo reconhecimento colecionista e social.

Seu *ex libris* é formado por escudo de armas em formato retangular, ao estilo francês, encimado por um felino – um lince –, segurando um trevo em uma das patas frontais, arrematado pelo lema *Semper Fidelis* (Sempre Fiel).

Figura 2 – *Ex libris* de Henry Joseph Lynch



Fonte: Coleção Particular, 2017.

O *ex libris* de Lynch não ocupou apenas as páginas dos livros de sua coleção, também preservou-se nas mãos de colecionadores particulares de *ex libris*, sendo divulgado em exposições temporárias e em seus catálogos: em 1942, foi apresentado através da coleção de Clínio de Carvalho Costa na 1ª *Exposição Brasileira de Ex-libris* no Museu Nacional de Belas Artes (MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, 1942, p. 10, 13 e 20), e em 1949, no Salão Assírio – Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, através das coleções do próprio Henry Lynch, Clínio de Carvalho Costa e Floriano Bicudo Teixeira, na 1ª *Exposição Municipal de Ex-libris*, realizada pela Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex libris, no Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 1949, p. 52, 56 e 77).

O *ex libris* de Lynch, assim como os de todos os bibliófilos, atua como assinatura de seu colecionismo bibliográfico, designando sua posse sobre os bens que adquire. Mas também age como documento e fonte da identidade de Lynch enquanto bibliófilo. Há, graças a essa etiqueta, a possibilidade de reconstrução da trajetória da coleção e do colecionador, mesmo que se findem na não mais existência.

4 A DISPERSÃO: PARA NÃO CONCLUIR

Podemos afirmar que os principais pontos de partida para se falar sobre o colecionismo de Lynch, tem como referência inicial parte da sua coleção que se encontra no Instituto RB, ou seja, a coleção de pinturas e estampas que está salvaguardada no museu. Em um sentido oposto, para falar sobre a dispersão podemos nos debruçar sobre os itens fragmentados de sua biblioteca, através de sua marca de propriedade, pois através dela o possuidor se funde aos livros.

Nenhuma das fontes documentais impressas que pesquisamos, nos dão conta sobre o estado atual da biblioteca Lynch. Em busca virtual é possível achar os indícios que nos permitem compreender o contexto que conduz para a sua dispersão. A procura direciona o olhar para sites especializados em leilões e vendas de livros, onde é possível lançar luz sobre pontos que trazem vestígios acerca da dispersão da biblioteca Lynch.

Livros são anunciados e descritos nos leilões *on-line*, todos já vendidos. Como comprovar que são esses os exemplares que outrora compuseram a biblioteca Lynch? Os livros anunciados são assinalados com o *ex libris* de Henry Lynch – a marca cumpre sua função de evidenciar o registro de propriedade –, nas descrições de venda dos itens, bem como o carimbo da SBCI, última guardiã (LOTE 160, 2021; LOTE 292, 2021).

Um dos sites especializados em venda de livros anunciava⁹ a instituição vendedora, a Livraria Carioca Rio Antigo (antiga Livraria Cosmos), que, por sua vez, recebeu em consignado, para venda, os livros da coleção de Henry Lynch, entre os anos de 2001 e 2009¹⁰, da SBCI (COUTINHO, 2017, p. 114). Catálogos de leilões da Livraria Rio Antigo anunciavam exemplares individuais ou em volumes completos da coleção de Henry Lynch disponíveis para compra, evidenciando a presença do *ex libris* de Lynch nas obras (XVI LEILÃO, 2009; XIX LEILÃO, 2010).

A motivação para a venda dos exemplares da coleção de Lynch por parte da SBCI é desconhecida. As pinturas e estampas que também foram vendidas, em 2000, mas em conjunto

⁹ O site que indicava a instituição vendedora é a Estante Virtual. Contudo, atualmente não possui mais nenhum item da coleção Lynch disponível para venda.

¹⁰ Não encontramos fontes com a data exata da consignação da biblioteca de Henry Lynch para a Livraria Rio Antigo.

para o colecionador pernambucano Ricardo Brennand, proprietário do Instituto RB, conseguiram preservar o arranjo quase que original de Lynch. A venda provavelmente aconteceu devido ao elevado custo para preservação e salvaguarda de tais obras, considerando que a SBCI é uma entidade filantrópica (COUTINHO, 2017, p. 64 e 114).

A coleção¹¹ de Henry Lynch chegou à SBCI, por meio da doação testamentária. Henry Joseph Lynch foi um dos fundadores desta Sociedade, em 1934. Manteve estreita relação e participação ao longo de sua vida com a entidade, que ajudou a fundar e desenvolver (SOCIEDADE, 1999, p. 41). Quando o colecionador falece, em janeiro de 1958, deixa seu legado (a coleção), via testamento para a SBCI. A instituição realiza todo o processo de seleção e recebimento dos itens da coleção, ficando responsável pela coleção. Durante décadas a SBCI realizou os processos técnicos, documentação, exposição, pesquisa, divulgação, conservação e restauro. Contudo, a partir de 2000, a nova guardiã iniciou o processo de venda dos objetos da coleção. A pinacoteca de Lynch foi vendida em conjunto e se manteve salvaguardada no Instituto RB, onde até hoje se encontra. E a biblioteca foi entregue à Livraria Rio Antigo, em consignação para venda, o que resultou em sua fragmentação e dispersão.

Posse e dispersão andam lado a lado no colecionismo, de forma quase que cíclica. Alguns dos exemplares que outrora ocuparam as estantes de Lynch, foram dispersos e separadamente encontram-se em posse de outros proprietários, e serão atores de outras histórias, mas ainda evidenciarão a trajetória passada, através da assinatura *ex libristica*. Pois, está “registraré, de forma perene, o nome de quem valorizou os seus melhores amigos – os livros” (BEZERRA, 2006, p. 138).

REFERÊNCIAS

BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antônio Henrique da Cunha. **Dicionário das Famílias Brasileiras**. São Paulo: Originis-X Sociedade de Pesquisa, [19--]. 2v.

BARRETO, Gilson. Cultura Inglesa, a festa dos 50 anos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 41, 13 ago. 1984.

BEFFA, Maria Lucia; NAPOLEONE, Luciana Maria. “Arqueologia” das coleções bibliográficas: um exercício de identificação de bibliotecas como patrimônio cultural. **Gestión del patrimonio bibliográfico y documental em bibliotecas, archivos y museos**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional Mariano Bueno, 2017. Disponível em <https://www.bn.gov.ar/resources/conferences/pdfs/32/10-Beffa%20y%20Napoleone%20ponencia.pdf>. Acesso em 04 fev 2021.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. **Obras Escolhidas II: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 227-235.

¹¹ Livros, documentos, pinturas, estampas, e demais objetos. Cf. COUTINHO, 2017.

- BEZERRA, José Augusto. Ex-líbris: a marca de propriedade do livro. **Revista do Instituto Ceará**. Ceará: 2006, 129-144. Disponível em https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2006/01_Artigos/09-Ex_Libris.pdf. Acesso em 12 jan. 2021.
- CORONEL Simão Porciuncula. **O Século**. Rio de Janeiro, p. 2, 9 jun. 1908.
- CORES, Márcia Della Flora; NUNES, João Fernando Igansi. Ex-líbris: a memória de uma técnica. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. v. 5, ed. especial: 2019, p. 1-13.
- COUTINHO, Paula Andrade; CERAVOLO, Suely Moraes. De Lynch a Brennand: a imagem de um legado. **Anais Eletrônicos do VII EPHIS** – Encontro de Pesquisa em História da UFMG: Diálogos Necessários. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018, p. 529-538.
- _____; RANGEL, Márcio Ferreira. Brasileira Lynch: esboço de um discurso sobre o Brasil. **Anais do XX ENANCIB** – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Florianópolis: ANCIB, 2019, p. 1-20.
- _____. **Do palacete ao castelo**: estudo da trajetória do colecionador Henry Joseph Lynch. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- FERREZ, Gilberto. **Colonização de Teresópolis**: à sombra do Dedo de Deus (1700-1900) – da Fazenda March a Teresópolis. n 24. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1970.
- FREYRE, Gilberto. **Inglêses no Brasil**: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948.
- GILBERTO Ferrez. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa963/gilberto-ferrez>. Disponível em 01 fev. 2021. Verbete da Enciclopédia.
- HARDIMAN, James. **The History of the town and country of the town of Galway**: from the earliest period to the present time. Dublin: W. Folds & Sons, 1820.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOWARD, Algar. [Correspondência para Sir Henry Lynch]. Londres, 12 nov 1931. 1 f. Estudos da linhagem da família Lynch.
- HOWARD, Algar. [Correspondência para Sir Henry Lynch]. Londres, 23 ago. 1928. 1 f. Estudos da linhagem da família Lynch e intenção de registro do *Pedigree*.
- LACERDA, Maurício Caminha de. O “Tory” que auxiliou uma Revolução. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 jan. 1958. Caderno 1, p. 2-4.
- LAGO, Pedro Corrêa do. **Brasileira Itaú**: uma grande coleção dedicada ao Brasil. São Paulo: Capivara, 2009.
- LEITE, Jose Roberto Teixeira. **O oitocentos brasileiro na coleção Ricardo Brennand**. Recife: Caleidoscópio: Instituto Ricardo Brennand, 2015.
- LEVY, Carlos Roberto Maciel, *et. al.* **Iconografia e paisagem**: coleção Cultura Inglesa. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1994.
- LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 377-404, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n34/16.pdf>. Acesso em 14 jan. 2021.
- LOTE 160 – Catálogo de peças. Levy Leiloeiro, 2021. Anúncio de livro com *ex libris* de Henry Lynch. Disponível em <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=111850>. Acesso em 18 jan. 2021.
- LOTE 292 – Livros raros, catálogo de peças. Vera Nunes Leilões. Anúncio de livro com *ex libris* de Henry Lynch. Disponível em: <https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?Id=2976429>. Acesso em 18 jan. 2021.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, já./jun. 1998.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

MORREU o único “Sir” brasileiro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 jan. 1958.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES (Rio de Janeiro, RJ). **1º Exposição Brasileira de Ex-libris**. Rio de Janeiro, 1942.

POTTKER, Gisele. **Ex-libris: resgatando marcas bibliográficas no Brasil**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. **A bibliofilia no Brasil**. Tese em Ciência da Informação – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RIO DE JANEIRO, (RJ). Secretária Geral de Educação e Cultura. Departamento de Difusão Cultural. **1º Exposição Municipal de Ex-libris realizada pela Secretária Geral de Educação e Cultura, agosto de 1949, Salão Assirio, Teatro Municipal**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

SEREJO, Vitor; JUVÊNCIO, Carlos Henrique. Livros, identidade e memória: a biblioteca de Getúlio Vargas do Museu da República. **Memória e Informação**. v. 4, n. 2, p. 193-210, 2020. Disponível em <http://www.memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/138>. Acesso em 04 fev. 2021.

SOCIEDADE Brasileira de Cultura Inglesa. **Acervo Cultura Inglesa**. [Rio de Janeiro]: Museu Nacional de Belas Artes, 1984.

SOCIEDADE Brasileira de Cultura Inglesa: sete décadas de história. [Rio de Janeiro]: Sextante, 1999.

XVI LEILÃO de livros raros & papéis antigos. Rio de Janeiro: Rio Antigo Livraria, jun-jul 2009.

XIX LEILÃO de livros raros & papéis antigos. Rio de Janeiro: Rio Antigo Livraria, mai. 2010.